

TRANSCRIÇÃO

GERSON CECILIO DAMACENO

Entrevistadora: O senhor poderia se apresentar e contar um pouco sobre sua trajetória e vivências na Terra Indígena Vanuíre?

Gerson: Meu nome é Gerson Cecilio Damaceno, indígena, *Gundhum*. E a minha história, não vai ser ela toda completa, porque é uma coisa muito emocional pra mim. E quando eu perdi o meu pai, na Aldeia Krenak, lá em Minas Gerais e nós viemos pra cá pra, pra Aldeia Vanuíre, juntos com os povo Kaingang aqui. Receberam nós aqui quando nós viemos, de braços aberto, com tanto amor, tanto carinho. E aqui, eu resido aqui por 63 anos, eu moro aqui. E, e passando o passado do tempo, o Cacique Antônio Barbosa veio a falecer e fizemos as reuniões com todos, com as sete etnias que têm aqui e me colocaram de cacique e de cacique eu fiquei 31 anos de cacique, junto com essa comunidade, peguei um amor muito grande por esse povo, por todo meu povo. Então, é, eu criei os meus filho e fui passando pra eles aquilo que nós aprendemos com nossos avós, com a minha mamãe *Erikét*, né. E, e a gente foi numa luta muito grande junto com povos indígena, é em termo assim do..., a gente... muitas reuniões, conheci muitos povos indígenas do Brasil. E a minha história pra a vinda pra cá e depois a gente, vez em quando, a gente vai lá pra, pra Krenak, fica lá é, um mês, dois mês, trinta dias, quinze, assim por diante. Mas uma coisa que me traga, é, na memória assim, a, a convivência que eu tive com os índios mais velho aqui, que trouxe umas histórias dos Kaingang, né e também lá com os índios Krenak mais velho. Então, o que eu pude aprender com eles, a gente tem gravado dentro do nosso coração. E a minha história, de eu ter, é, criado os meus filho, hoje eu tenho meus neto, bisneto e a gente... eu sou pai de onze filhos, todos vivo e sou avô 53, entre neto e bisneto, 53. E a minha felicidade, a minha alegria é estar junto com eles, com meus, com meu povo. E quanto à nossa vinda de lá pra cá, a gente passou um problema muito difícil e a gente teve que vim a pé por não ter condições de vim. É coisa de gastar dois, três dias de carro, nós gastamos 90 dias de lá aqui. Andamos muito a pé, muito a pé, não tinha condições, não tinha como comunicar ninguém, que naquela época não tinha celular, não tinha, não tinha nada. Mas graça, por misericórdia de Deus, nós estamos aqui vivo, contando a história da nossa vida. E

aqui a gente, começamos um bom trabalho, hoje nós temos aí, a escola dentro da aldeia. Tudo aqui foi o trabalho junto com a comunidade. Então a lembrança que a gente deixou muito foi o Rio Doce, acabou agora, acabou o Rio Doce com aquela, com aquela, com aquela empresa lá da Mariana lá, que acabou com tudo. Quando a gente chega lá, nós vamos na beira do rio e ali é só uma tristeza muito grande. Mas tudo tá na mão de Deus, né. Então, eu, eu quero dizer a vocês que essa história, não venha acabar, que venha... E meus filho, meus neto, é sempre a gente se reúne pra contar as histórias de tudo que nós já passou nessa vida, como nós viveu, a nossa vivência. E é uma alegria muito grande que a gente tem de sentar e contar pros neto, os filho, a nossa vivência como foi no meio da mata. Nós viveu muito no meio da mata, no meio da... lá em Minas Gerais, no meio daquelas pedra, numa ilha que nós nascemos. Eu vim de lá pra cá, eu tinha oito anos de idade e hoje eu vou fazer setenta anos. E, essa nossa vivência com, com essas... passando, a nosso, caso com os netos, os filho. A gente se reúne muito, explica muito do... que a gente vê muitas coisas que, que nossos neto, nossos filho, que não venha cair no mundo da perdição, né. E pra onde for, saber a respeitar todo mundo e dedicar a vida, tanto a nossa, como do, daquele que tá ao nosso lado também, do próximo. Tudo isso, a gente passa pra eles né, da... explica as história da nossa convivência no, no passado, no meio do povo dos antigo, né. A gente aprendeu muito isso e a gente passa isso pra eles também e eles ficam muito... tem vez que eles chora, fica maravilhado daquilo que, que a gente já passou e tamo passando pra eles também. Que muito deles tem medo que isso venha acontecer, mas eu acredito que, que não vem acontecer mais o que já aconteceu com nós, já velho. Hoje nós, a gente, a gente já tem muito, muito, muito apoio da justiça, né. Então eu, a gente passa muito pra eles, aonde vocês passarem dê um bom resultado, saiba a respeitar todo mundo, né, porque é uma coisa muito bonita o respeito entre o ser humano. E, aqui quando nós chegamos aqui, passei uma vida muito difícil aqui, mas tudo, mas nós deu a volta por cima. E a minha mamãe veio a falecer com 111 anos. Viveu com nós, aqui neste lugar. E daí foi uma, uma trajetória muito doída pra nós lá. Foi quando levaram nós pra Aldeia Maxacali, lá no Maxacali. De lá, nós fomos pra Brasília e dali não deu pra nós chegar, nós voltamos pra trás, de volta. Aí foi a gota d'água tudo. Aí foi quando eu perdi o meu pai e aí nós temos que vim pra cá, porque o tio, o tio Antônio Jorge morava aqui e ele foi buscar nós e nós estamos, estamos aqui. E eu agradeço muito a vocês e eu tenho um amor muito grande pelos povos Kaingang que tem nos acolhido dentro deste lugar. E hoje eu sou casado com um a índia Kaingang, né. Os meus filhos são

Kaingang e Krenak, mas é uma família só. Quando a gente chegou aqui, a gente foi crescendo. Fomos fazendo os artesanatos e nós fomos aprendendo quando... e agora passa, passamos pra eles. Eles vão aprendendo fazer o artesanato, é, falar no idioma, muita coisa. Então, essa cultura nós não podemos perder, que é os artesanato e a cultura que é a fala no nosso idioma, nós não devemos perder. Então aqui é o, o nosso Krenak fala um pouco Kaingang, fala Krenak, que nós vivemos muitos com ele e por a mãe, a minha esposa, a vó, né, deles é Kaingang também. Então ela fala bem Kaingang e eles aprenderam os dois idioma aqui. Isso pra nós é um, é uma alegria muito grande. E quando nós viemos pra cá, a minha mãe trouxe os nove filho viúva, é a Jandira que é mais velha, o Antônio, aí veio José, veio eu depois, veio a Lia, Maria Helena, veio a Cleusa, o Laerte. O Mário veio pra cá com seis mês de nascido, que o Mário chegou aqui. Então, nós crescemos todos aqui, a Jandira já faleceu e, e nós estamos assim né, aqui. E o meu pai chamava, Euclides Cecilio Damaceno e minha mãe, Jovelina Jorge Damaceno. E aqui é, naquela época, agora não, agora são tudo com maquinário, mas naquela época colhia algodão, amendoim, e tudo na mão, batia na mão, fazia tudo. Então, nós não teve tempo, eu mesmo não tive, nós não tivemos tempo de estudar um pouquinho. Eu estudei até segundo ano só, malemá fazia, sei fazer o meu nome. E, e nós tinha que trabalhar para poder se manter, colher amendoim, algodão, quebrar milho, colher café, aqui tinha muito café da região, agora acabou tudo, mas tinha muito. E esses trabalho nós fazia e a mamãe levava nós pra roça pra fazer esse tipo de trabalho, mas e, e assim nós fomos crescendo e tamos aqui. A mamãe, ela ia fazer uma coisa e ela falava muito no idioma pra nós "Ó, cês não pode perder..." que, devido do, do massacre, a mamãe, ela tinha medo de dar depoimento, que nem nós tá aqui, ela, ela não.. tinha medo. Aí ela falava pra nós é, não aproximar muito, nem que faz... é, a foto da gente sai pra lá e não sabe pra que, mas ela ensinava muito nós no idioma, fazia o artesanato, é erva do mato, medicinais, nós aprendemos muita coisa com ela.

Entrevistadora: O senhor tem contato com parentes Krenak que moram em outros territórios?

Gerson: A vivência com, com meus parente Krenak, é um está lá no Mato Grosso, São Félix do Araguaia, outros estão, a maioria estão lá na Aldeia Krenak e nós aqui. A saudade bate muito, nós temos que fazer o quê?, é a vida é essa. Eu tenho filho, eu tenho filha lá, neto, bisneto lá e aqui também tá minha família. Então, a gente

fica, mora aqui e a gente, quando a saudade bate, nós vamos pra lá, aí nós fica lá um tempo com eles e depois nós volta. Agora lá em São Félix do Araguaia ainda eu não pude, eu não pude ir, mas Deus vai preparar de nós ir lá, lá na casa, na aldeia dos parente lá.

Entrevistadora: Como seu nome indígena foi escolhido?

Gerson: Que Gundhum é tatu no meu idioma. E me deram esse, esse nome é que eu era muito ligeiro no meio do, do mato e aí eles falava, "o Gerson parece tatu no meio do mato", aí pensou, então seu nome indígena é Gundhum, aí ficou Gundhum. Aí levei isso aí pra mamãe, mamãe falou tá bom, "é Gundhum?". "É". Então tá bom. E assim me chama, no meu idioma é Gundhum.

Entrevistadora: O senhor gostaria de deixar uma mensagem final?

Gerson: Eu gostaria de deixar uma mensagem pra, pra todos é, parente indígena, não só pros Krenak, pra todos indígena, que no mundo que nós vivemos hoje, né, que não tem, não tem a outra coisa além de nós buscar Deus, não tem. Deus é em primeiro lugar em tudo. Que Deus é, apazigua todas as coisas na nossa vida e a nós ter amor ao próximo em todo lugar aonde nós entrar e pra, pros meus, meus neto, a geração da juventude que vem vindo, da mesma maneira também, saber respeitar o próximo e, e ter uma boa memória e pedir pra que "*Marét rerré, kren rerré*". Eu tô falando que Deus te dá a memória, uma cabeça boa. É isso que eu peço. E quando o mais velho tiver falando algo, preste bem atenção o que o..., as história que, que eles contam de... pra que nós não venha perder, principalmente a cultura, que é o idioma, que é fazer os artesanato, que é de tudo que seja cultura não devemos perder. É isso que eu quero dizer pra, pra todos nós indígena, principalmente pros jovem, que saiba administrar o saber. E, eu agradeço por nós, é conhecer essa equipe do Museu também, qual que é um povo que trabalha com nós é, dedicando muito o trabalho com a gente. Que Deus abençoe vocês muito, muito, muito. A Dona Tamimi também e a todos que sempre tratou nós com muito carinho.